

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

EDUCAÇÃO NOS TERREIROS:

**O lugar da educação afrocentrada na constituição de vida de
crianças e adolescentes do Projeto Ori Inu Erê**

Monique Goulart Padilha

**Porto Alegre
Dezembro de 2024**

Monique Goulart Padilha

EDUCAÇÃO NOS TERREIROS:

**O lugar da educação afrocentrada na constituição de vida de
crianças e adolescentes do Projeto Ori Inu Erê**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Área de habilitação: Educação
Orientadora: Karine dos Santos.

Porto Alegre
Dezembro de 2024

*“Amor é
espiritualidade Latente,
potente, preto, poesia Um
ombro na noite quieta
Um colo pra começar o
dia Filho, abrace
sua mãe Pai, perdoe
seu filho Paz é
reparação Fruto de
paz
Paz não se constrói com
tiro Mas eu miro, de
frente A minha
fragilidade
Eu não tenho a bolha da
proteção Queria eu guardar
tudo que amo No castelo da
minha imaginação
Mas eu vejo a vida passar num
instante Será tempo o bastante que tenho
pra viver? Eu não sei, eu não posso saber
Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida
Farei um altar pra
comunhão Nele, eu serei um com o
mundo até ver
O ponto da
emancipação Porque eu descobri o segredo que
me faz humano
Já não está mais perdido o
elo O amor é o segredo de
tudo E eu pinto tudo em
amarelo”
(Principia - Emicida)*

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar a minha escrita agradecendo a minha mãe biológica Roseli ou melhor Rose, que era como gostava de ser chamada. Mãe obrigada pelo apoio que me deu desde o início desta trajetória, tu sempre acreditou em mim, desde quando sofremos nos preparando para eu estudar na Federal de Santa Maria, ou quando percorremos Porto Alegre inteira atrás das documentações para a matrícula na UFRGS. Nos meus dias mais cansados, em que eu pensava em desistir, sempre vinham as tuas palavras de consolo, “continua minha filha, olha o quanto tu te esforçou?”, “Mô, olha quanto tu gosta do teu trabalho, é um esforço agora, mas logo passa!”, ou até mesmo no conforto silencioso, um abraço apertado, me dando um colo e um espaço na tua cama quente. Obrigada por tudo mãe, este ciclo está prestes a se encerrar e eu queria que tu estivesse aqui presencialmente, mas me conforto em saber que, tu com toda a certeza está muito orgulhosa da pessoa que eu luto todos os dias para eu ser. Fazem quase três anos da tua partida, a saudade é gigantesca, no entanto o sentimento de gratidão é maior ainda, obrigada por ter me criado da forma que me criou, por ter me passado os valores que me passou, obrigada por ser luz e por me ensinar a ser também...

Pai, mesmo com toda a forma bruta de ser, tu foi amor e carinho quando eu mais precisei, foi um pilar fundamental para que eu conseguisse realizar esse sonho, com o teu cuidado e zelo, preocupado com a minha alimentação, preparando uma comidinha gostosa, me obrigando a fazer pausas para descanso, dando apoio financeiro, mesmo que isso fizesse tu te apertar nas tuas contas, mas o teu esforço valeu a pena, conseguimos... Te amo, seu João!

Vim de uma família de mulheres fortes, quero deixar registrado o meu amor e admiração por cada uma das minhas tias e primas, por mais que não percebam, eu me fortalecia e me inspirava nas batalhas traçadas por vocês, agradeço pelo exemplo de luta e perseverança. Á todos os familiares peço desculpas pela ausência em eventos e festas da família, pela ausência física e emocional, pelo cansaço e mau humor em alguns períodos de tensão.

Aos amigos, que não ousou nomeá-los para não correr o risco de esquecer algum, gratidão pelo colo e “ouvido penico”, com vocês pude desabafar as piores

atrocidades da faculdade e da vida, e vocês se mantiveram aqui ao meu lado, me sustentando, dando apoio e conselhos para eu não esmorecer, vocês me guiaram constantemente no caminho da alegria, que por vezes eu esquecia a rota.

Agradeço ao meu babalorisa, Babá Diba de Iyemonja, que é meu segundo pai, me viu crescer e desde sempre me aconselhou, incentivou e foi um exemplo de perseverança para mim e para tantos outros, tu és acolhimento, amor, carinho, exemplo de determinação, obrigada por sempre cuidar de mim e dos meus, obrigada por junto de outros, pensar em um projeto visando a valorização da identidade e cultura negra, projeto esse me foi essencial na minha constituição de vida.

Obrigada a minha ancestralidade, por muitos outros que lutaram antes de mim, para que hoje eu tenha todos esses privilégios de acessar uma educação pública de qualidade e gratuita. A luta de vocês não acaba em mim, sigo tentando mudar esse sistema opressor, mesmo que plantando sementinhas em cada educando e profissional que pelo meu caminho cruza.

E por último, mas não menos importante, meus sinceros e verdadeiros agradecimentos à minha orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso, Karine Santos, professora que eu conheci no primeiro semestre do curso, em uma disciplina de Educação Social, lá naquele período já havia dito que queria ser orientanda dela, sem sequer ter um tema para o TCC. A tua paciência, motivação, carinho e dedicação foram fundamentais para que eu conseguisse concluir esta escrita. Obrigada por acreditar em mim, quando eu mesma já não via alternativas, o teu incentivo e confiança me fizeram conseguir concluir essa etapa que é tão sofrida, mas que foi supervisionada por um olhar humano e acolhedor, minha eterna gratidão.

RESUMO

Este trabalho acadêmico de pesquisa tem como objetivo analisar uma proposta de Educação em Terreiro Ori Inu Erê do Terreiro Ilê Asé Iyemonja Omi Olodo, destacando a sua relevância nas trajetórias de jovens e adultos participantes deste projeto. A questão central que orientou a pesquisa foi: Qual a importância do Projeto Ori Inu Erê na constituição de vida de jovens e adultos egressos? A pesquisa tem abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados uma entrevista grupal com dois ex-participantes do referido projeto. Autores como Míriam Cristiane Alves, Rita Medeiros (2022) e Stela Guedes Caputo (2012) e o caderno pedagógico, desenvolvido pelos organizadores do Projeto Ori Inu Erê, foram referências para este estudo. É possível dizer que o projeto foi fundamental para suas vidas, através do Projeto puderam se ver, se reconhecer e acessar espaços que jamais imaginariam.

Palavras-chaves: Educação de terreiro; Identidade negra; Terreiro; Cultura afro-brasileira.

SUMÁRIO

1. O início de Tudo...	8
2. Metodologia	12
2.1 Revisão bibliográfica: O que já foi falado sobre terreiros?	14
3. Projeto Ori Inu Erê, uma inspiração de vida...	23
4. Revisitando memórias...	33
4.1 Portadores das memórias...	34
4.2 O que dizemos mesmo sem nomear?	34
4.4 Ser negro...	35
4.5 Ser cidadão...	35
4.6 Ser de terreiro...	36
4.7 Ser social...	37
4.8 Ser de aprendizagem...	38
4.9 Ser de ensinagem...	39
5. O que essas memórias nos dizem?	41
Referências	44
ANEXO 1: Termo de consentimento livre e esclarecido participantes	45

1. O início de Tudo...

Agô¹! Início minha escrita pedindo licença. Licença às divindades, licença a minha ancestralidade, licença aos mais velhos e aos mais novos. Agô Comunidade Terreira Ilè Asè Iyemonja Omi Olodo! Peço licença para trazer uma história que não é só minha.

Meu nome é Monique, tenho trinta (30) anos, sou filha da Rose Ojebisy e do João Padilha. Sou graduanda de Pedagogia, trabalho há quase dez anos com educação. Iniciei meu percurso profissional, através da indicação de uma amiga, para trabalhar em uma escola de educação infantil, na época eu não possuía conhecimento e formação nenhuma, além dos cuidados que tinha com meus primos mais novos e afilhados. A dona da escola, gostou da forma respeitosa com que eu tratava as infâncias e se ofereceu para custear parte do valor do curso de educadora assistente, para que assim eu pudesse trabalhar na escola. Essa primeira experiência me trouxe uma série de inquietações sobre como essas crianças eram tratadas, demandas que o curso de educadora assistente não dava conta. Fomentada pelo desejo de conhecimento, fui buscando estratégias de como acessar o ensino superior, mais precisamente o curso de Pedagogia. Passei no vestibular da Pontifícia Universidade Católica - PUC, no entanto era inviável custear os gastos com as mensalidades. Continuei realizando as provas do Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM, em busca de uma oportunidade em instituições públicas. Eis que fui aprovada na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. De malas prontas e vida previamente organizada em Santa Maria, às vésperas da viagem para realizar a matrícula, recebi um e-mail que mudou a minha vida... estava sendo chamada para uma vaga na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os estudos que fui adquirindo, me possibilitaram ir trilhando por diversas escolas de educação infantil, em busca de uma que dialogasse com as concepções de educação que aprendia e acreditava.

Sou filha dos “òrìṣàs”² “Oṣún”, “òrìṣà” feminino que é responsável pela fecundidade, pelo cuidado com as crianças, senhoras das águas doces, rios e

¹ Por que as palavras estão escritas neste formato? As palavras escritas entre “” refere-se à escrita na linguagem e cultura Iorubá.

² O que são òrìṣàs? divindades cultuadas pelas religiões da cultura Iorubá.

cachoeiras, senhora da beleza, sensibilidade e do ouro, sua dança é envolventes, lembrando o movimento das águas do rio. E “Sango”, “òriṣà” masculino que representa a justiça, senhor da realeza, dono do fogo, raios e trovões. E “òmórisá” ,filha de santo, iniciada na no batuque, da Comunidade Terreira Ilè Asè Iyemonja Omi Olodo, que está há quarenta e um anos aos cuidados do babalorisa³ Diba de Iyemonja. Nasci frequentando o terreiro de umbanda, religião brasileira que traz em si elementos africanos, indígenas e católicos. Lida com incorporação, na qual os médiuns, se desenvolvem para receber os espíritos desencarnados, que atuam como guias espirituais, que minha avó paterna, dona Maria da Dores Padilha, dirigia. Seus guias de trabalho, guias que ela incorporava eram a caboclo Tupi Mirim e a preta velha Maria Conga. Aos três anos de idade, junto da minha família, a convite da minha tia, fomos conhecer o terreiro do Baba Diba, que além da Umbanda, cultua os orixás através do batuque⁴. Minha mãe ficou encantada e se identificou tanto, que começamos a frequentar cada vez mais. Passamos de frequentadoras para integrantes do terreiro, localizado no bairro Partenon, Vila São José, em Porto Alegre. Os vínculos foram se estreitando, virando uma grande amizade e me proporcionando uma nova família. Ainda pequena, por volta dos seis anos, com intuito de resgatar, fortalecer nossas origens e pensar em uma socialização afrocentrada, por intermédio do Terreiro, nós crianças, fomos batizadas com nomes africanos, de origem Yoruba. Eu fui batizada como Osun Toki, “aquela que veio para ser saudada” e quanto mais as pessoas me chamam pelo meu oruko⁵, mas elas desejam as realizações do seu significado para mim, de acordo com a religião.

Ainda na minha infância, no Terreiro surgiram algumas oficinas de reforço escolar, capoeira e canto. Os “òmórisá” se preocupavam com as questões de ações afirmativas e positivas sobre a negritude e com a transmissão dos valores de matriz africana, a fim de nos potencializar como seres humanos críticos e pensantes e usavam como recurso essas oficinas. Foi assim que foi nascendo o

³ O que é um Babarolisa? Conhecido popularmente como pai de santo, é um sacerdote que, através das suas experiências e vivências conduz os terreiros.

⁴ O que é batuque? Religião afro-brasileira, cultuada fortemente no Rio Grande do Sul, na qual reverenciamos os òrisas, divindades da cultura iorubá, no batuque não lidamos com incorporação, mas sim com a manifestação do òriṣà, pois cada divindade faz parte da nossa constituição, diferente da umbanda, no batuque o médium não sabe que o òriṣà se manifesta nela, herança que vem de geração em geração.

⁵ O que é Orúko? Palavra em Iorubá que significa nome.

Projeto Ori Inu Erê, o qual descreverei mais adiante. Foram anos participando do projeto, desde sua criação até sua pausa. O projeto durou em torno de seis anos. Retornou uma vez, em 2017, durante um pouco mais de um ano, no qual eu participei novamente, no entanto, como educadora. Então, não gosto de dizer que ele chegou ao fim, pois acredito que ele possa retornar e porque ele vive em mim e em todas as crianças e adolescentes, hoje adultos, que por ele passaram.

A Monique Osun Toki, que entrou com nove anos no projeto, foi crescendo, reconhecendo-se e valorizando-se como guria preta, se vendo como uma pessoa bonita. Entendeu que o bonito não era apenas o que a televisão exaltava, assumiu suas origens, seu cabelo *black power*, suas tranças, adquirindo coragem de usar suas guias e fios de conta e roupa de axé na rua, sempre com medo do preconceito, mas munida para enfrentá-lo quando necessário. Aquela guriuzinha se tornou uma mulher que questiona, se impõe, corre atrás dos seus objetivos. Via a universidade e a graduação como uma possibilidade real e foi atrás. Já passou por muita coisa, preconceitos, doenças, dificuldades financeiras, perdas familiares, que fez esmorecer, mas nunca desistir, pois a cada dificuldade, revisita suas memórias e sonhos, lembrando de tudo que sonhou e idealizou para si. Sonhos de criança, podemos não perceber, mas eles ficam guardados em uma caixinha dentro da gente, esperando para serem realizados, e cada vez que eu esqueço como abrir essa caixinha para recordá-los, é no Terreiro que me fortaleço e me reconecto com aquela jovem sonhadora. Terreiro é isso, cuidado, amor, afeto, pertencimento, fortalecimento, é família. E por que é importante falar destes processos, no âmbito da educação.

Fiz meu primeiro “*bori*”⁶ aos quinze anos. Já tinha vontade de me iniciar desde criança, mas minha mãe sempre dizia que ainda era cedo, que junto com a iniciação vinha o compromisso com o sagrado e que eu deveria esperar um pouco mais para decidir sobre esse passo extremamente importante, pois com o amor ao culto vem a responsabilidade com os preceitos. No entanto, em 2009, para realizar um serviço de abertura de caminhos⁷, que fortaleceria a comunidade no geral, precisavam de uma menina, filha de “*Oşun*”, para executar os procedimentos. Fui

⁶ O que é bori? Palavra composta do lorubá que significa “Oferecimento à cabeça”, é um processo no qual, através da sacralização dos animais, nós ficamos reclusos da sociedade, para uma conexão com nós mesmos e nossa orixalidade.

⁷ O que é um serviço de abertura de caminhos? É um ritual que visa prosperidade, para que as pessoas possam vencer suas demandas e realizar os seus objetivos.

convidada pelo *Babalorişá* para ser esta menina, aceitando o pedido, em diálogo com a minha mãe. Sendo assim, foi necessário que eu me iniciasse oficialmente. Este momento me encheu de orgulho, responsabilidade e emoção. Assim se deu meu processo iniciático.

Escolhi trazer o projeto Ori Inu Erê na minha escrita de trabalho de conclusão de curso, para que os leitores percebam a importância dos espaços não escolares na constituição de crianças e adolescentes das periferias. Importância essa que vem desde a valorização da identidade negra e afrodescendente, fortalecendo a autoestima dessas crianças e adolescentes que muitas vezes não tem representatividade de seus padrões de beleza. Para a potencialização desses indivíduos, para que ocupem lugares que a sociedade diariamente diz que não os pertence, como instituição de graduação, cargos públicos e por muitas vezes até mesmo o ensino regular. Para além de acessar, também é fundamental se manter nestes espaços. Evidenciar que mesmo com a criação da lei 10.639 de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira para todos os anos do ensino regular, a escola e os professores não estavam e ainda não estão aptos para ensinar sobre a nossa cultura. Eu quero que outras crianças e adolescentes tenham a experiência incrível que eu tive, que possam se sentir pertencentes a um espaço, que os acolha, os ensine, os incentive e os ampare, para sobreviver em uma sociedade racista e excludente, pois a nossa luta é diária.

Através das inquietações acima, o meu trabalho tem como intuito atender aos seguintes objetivos:

Objetivo geral

Reconhecer a importância do Ori Inu Erê 2005, nas trajetórias de jovens e adultos participantes do projeto.

Objetivos específicos

- Analisar a proposta pedagógica do projeto Ori Inu Erê 2005;
- Compreender como o processo formativo contribuiu para a construção da identidade de jovens negros;

- Relacionar as trajetórias escolares com as experiências formativas do projeto.

Como referencial, foram relevantes os estudos de Míriam Cristiane Alves e Rita Medeiros, *Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas*, que tratam da importância das crianças e das culturas infantis de terreiro. Também, os estudos de Stela Guedes Caputo, *Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*, que aborda as relações da criança com sua fé e o ambiente escolar, e como a escola se relaciona com estas crianças.

No segundo capítulo apresento a metodologia da pesquisa. No terceiro, a partir dos referenciais teóricos que embasam meu trabalho, vou traçando e tecendo fios de acordo com meu tema de pesquisa. No quarto capítulo, trato sobre o projeto que inspirou a minha pesquisa. No capítulo cinco, descrevo os sujeitos entrevistados, que são ex-participantes do projeto e sobre as suas impressões sobre ele. E por fim realizo um fechamento com as minhas impressões e conclusões.

2. Metodologia

Essa pesquisa é classificada como Qualitativa, pois se trata de uma pesquisa que traz o estudo de elementos subjetivos, como a compreensão e comportamento de grupos sociais ou/e do comportamento humano (GUNTHER, 2006). As pesquisas qualitativas têm como objeto de estudo ocorridos que se passaram em determinado tempo, cultura ou local. É composta por diferentes concepções filosóficas, estratégias investigativas, método de coleta, análise e interpretação dos dados. Não se preocupando com a representatividade numérica, mas sim com a análise dos dados obtidos, buscando explicar o porquê das coisas. Nesse modelo de pesquisa, um dos principais instrumentos de coleta de dados é a entrevista realizada pelo pesquisador, que pode ser feita com um ou mais participantes, de forma virtual ou presencial e ser integrada por perguntas estruturadas ou semi-estruturadas. Outros elementos importantes na constituição de uma pesquisa Qualitativa são análises de documentos, fotos, vídeos que compõem o corpo do trabalho e dão credibilidade a pesquisa, assim como anotações de campo, no qual o pesquisador observa e anota o maior número de detalhes possíveis.

Esta pesquisa adotou os seguintes procedimentos:

1. **Revisão bibliográfica**, que é necessária para iniciar qualquer pesquisa científica. Seu objetivo é explicar e discutir um assunto, com base em referências publicadas em livros, revistas, sites, entre outros, como gravações e filmes. O objetivo é entrar em contato com o que já foi discutido sobre, buscando conhecer, analisar e explicar contribuições sobre o assunto, tema ou problema;

2. **Análise Documental**, pois esse estudo utilizou-se de documentos, neste caso o caderno pedagógico do Projeto Ori Inu, como fonte de coleta de dados, informações e evidências. Os documentos podem ser escritos ou não: diários, arquivos de entidades públicas ou privadas, gravações, correspondências pessoais e formais, fotografias, filmes, mapas, entre outros.

3. **Estudo de Caso**, ele é um dos principais elementos da busca de dados de pesquisas qualitativas (GUNTHER 2006). É utilizado quando buscamos compreender um indivíduo, um grupo ou até mesmo uma instituição. Utiliza uma

variedade de informações: entrevistas (estruturadas ou semi), questionários, observações, registro detalhado, ou até mesmo gravações. Após a coleta, há um cruzamento desses dados que ajudam a confirmar as evidências observadas durante a pesquisa. O Estudo de caso pode ser múltiplo, ao invés de observar apenas uma escola, por exemplo, podemos observar mais de uma, para que se possa estabelecer paralelos e comparações sobre as práticas e os resultados.

Essa pesquisa é um estudo de caso, pois tem como intuito entrevistar alguns jovens/adultos, que participaram do projeto Ori Inu Erê quando crianças e adolescentes, para poder analisar, comparar e dialogar a partir das suas memórias sobre sua participação no projeto em diálogo com as minhas memórias. Essas pessoas foram escolhidas, pois durante o período de realização do Ori Inu Erê e até a atualidade, tenho bom relacionamento com elas e me inspiro em suas histórias e construções de vida. São pessoas que assim como eu, enfrentaram e enfrentam constantemente, as imposições que a sociedade faz sobre como devemos nos portar, nos vestir, nos relacionar com o outro e com a nossa fé, que construíram um pensamento crítico, através de um um Projeto que mudou as nossas vidas, e que nos permite identificar as várias facetas do racismo em nossa sociedade e nos fortalecer contra ele. O método para a coleta de dados foi a entrevista. O intuito da Entrevista é obter informações dos entrevistados, compreender o que eles pensam e acreditam. A entrevista ocorreu de forma coletiva, através de perguntas semi-estruturadas, para que além das questões que eu busco responder, os entrevistados pudessem trazer novos elementos para a pesquisa, em sua fala. As entrevistas seguiram os padrões éticos em pesquisa nas ciências humanas e os dois entrevistados receberam orientações acerca da pesquisa, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido.

Neste momento, destaco as perguntas que foram feitas:

1. Quando tu revisita as tuas lembranças sobre o projeto Ori Inu Erê, onde tu vê ele na tua vida hoje?
2. Tu percebe que o Ori Inu foi importante para a pessoa que tu és hoje?
3. As aprendizagens que tu vivenciou no projeto Ori Inu Erê, tu chegou a ver em outro lugar que passou?
4. Tu acha que essa marca na tua trajetória foi/é importante para dar

continuidade aos estudos?

2.1 Revisão bibliográfica: O que já foi falado sobre terreiros?

Apresento os trabalhos que fundamentam esta pesquisa, auxiliando a identificar como são tratadas as questões religiosas, de matriz africana, na relação com a dimensão educativa de um projeto voltado para crianças e adolescentes de terreiro, objeto de estudo.

A primeira escrita que trago para discussão é o livro *Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas*, organizado por Miriam Cristiane Alves e Rita Medeiros. Este livro é o quinto volume da série *Pensamento Negro Descolonial*, é resultado de “provocações e convocações” do GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra à Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde - RENAFRO e Núcleo de Estudos e Pesquisas E’léékò, que é vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que compõem o projeto *Primeira Infância no Centro: enfrentamento do racismo como garantia do pleno desenvolvimento infantil*. Emociono-me ao trazer esse livro para basear e fundamentar a minha escrita pois a Miriam, conhecida por mim como Olori, orukó que foi lhe dado na sua iniciação no Terreiro Ilê Asé Iyemonja Omi Olodo. Olori foi uma das educadoras do projeto Ori Inu Erê. Pode me ver criança, me inspirou e me incentivou. Lembro-me que quando eu disse que queria ser fotógrafa, ela me deu uma máquina fotográfica dourada, com pilhas e um filme. Sempre acreditou no meu potencial, e hoje, tê-la como referência em uma escrita extremamente importante para o meu percurso acadêmico, deixa-me imensamente feliz e com a certeza da presença do Ubuntu em nossa comunidade, “Eu sou porque nós somos!”

Na apresentação do livro as autoras destacam a potência e a importância do encontro entre os movimentos sociais e a universidade pública, que vem fortalecendo o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O que podem as crianças de terreiro? Que infâncias permeiam este território? Por onde se movimentam as culturas infantis de terreiro? Quem são partícipes dessas culturas e como se inscrevem suas marcas e grafias

nas infâncias afrodiaspóricas? (ALVES; MEDEIROS, 2022, p. 18)

Ao longo da escrita não buscam trazer verdades absolutas, mas provocações que visam apresentar inquietações e aberturas para se pensar e repensar sobre os estudos de crianças e infâncias. Apresentando possibilidades de construção de novos imaginários, de novas formas de evidências às concepções de infâncias experienciadas nas comunidades tradicionais de terreiro,

Nossa entrada nesse campo de estudos conjuga diálogos e deslocamentos em conceituações aprisionadas e mumificadas em uma infância universal, branca, colonizada. Importa destacar que a infância, por si só, é uma referência de incômodo ao que está estabelecido e definido no mundo adultocêntrico. Incômodo que é ampliado quando tratamos de infâncias de terreiro e negras. (ALVES; MEDEIROS, 2022, p.18)

Problematizam como as escritas “sobre e sem” crianças vem se estabelecendo nos ambientes acadêmicos, que as crianças não têm sido revisitadas em sua forma de interpretar o mundo, que para a primeira infância estar no centro é necessário reconhecer a criança em suas diversas maneiras de expressão, como alguém que fala com o corpo todo “nos gestos, nos choros, nos risos, nas correrias ou nos silêncios.” (ALVES; MEDEIROS, 2022, p. 19) Reforçam que precisamos nos colocar como aprendizes em escutar, acolher, acompanhar e “apre(e)nder” com as crianças vivenciadores de tradições de matriz africana, que performam movimentos, gestos, vocalidades sobre o ser criança e o criançar nos terreiros. “Criançar? Sim. Para nós, criança é ação, é protagonismo, é brincadeira, é movimento futuro no presente, é verbo.” (ALVES; MEDEIROS, 2022, p. 19)

Este livro está organizado em três seções, a SEÇÃO I - IMAGEM-NARRATIVAS DAS INFÂNCIAS DO CORPO, é um convite para, através da música Ancestral Infinito de Xênia França, o leitor possa mergulhar nas possibilidades que o texto traz através da observação dos registros visuais, no qual, os corpos brincantes de crianças e adultos que demonstram alegria, pertencimento, conectividade, cuidado e afeto. Nestes registros é possível visualizar um pouco da vivência destes corpos com o espaço, com seus pares e com o adulto e o sagrado. “Quando falamos, cantamos, giramos, dançamos e brincamos, somos muitas, somos diversas!”.

A SEÇÃO II - MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E NARRATIVAS DE LIDERANÇAS DE COMUNIDADES DE TERREIRO E SUAS INFÂNCIAS, como o próprio nome sugere, conta as histórias de memórias de lideranças de comunidade de terreiro e sua trajetória como pessoas dentro do axé. Algumas frequentadoras desde pequenas, algumas que conheceram após adultos, que se iniciaram por questões de sua própria saúde ou de algum familiar, inúmeros percursos que vão ao encontro da crença no sagrado e na importância dele em suas vidas. “Sou a voz com muitas vozes. Voz é vento, vento é palavra, palavra é ação. Ação é a vida de muitas mulheres, revividas em mim. Sou Nilce Naira Nascimento, Mãe Nilce de Iansã, uma mulher nascida e criada dentro do terreiro.” Em seu relato, mãe Nilce conta que sua bisavó, nascida em Salvador, foi para o RJ em 1920, já iniciada no candomblé, instaurando-se junto de seu terreiro, na região central, com o aumento das perseguições religiosas e ataque do Estado ao sagrado das tradições de matriz africanas no país, foram migrando, até se estabelecerem em Mesquita, na Baixada Fluminense, sendo o primeiro terreiro de candomblé a se estabelecer na região. “Minha vida é tempestade em atos que vêm de muito longe. Como é possível perceber, meu saber é ancestral...” mãe Nilce, que poderia ter escolhido entre a carreira de policial, no entanto, deu continuidade ao legado de sua família, e hoje é Iyá Égbe, mãe da comunidade, ativista pelas causas das tradições de matriz africana, coordenadora da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO). Um dos valores civilizatórios afrodescendentes, que está presente na fala da mãe Nilce é a Oralidade, ela relata que muito dos seus conhecimentos sobre a tradição de matriz africana, é a partir deste princípio, da vivência no terreiro, que os mais velhos passavam seus conhecimentos para as crianças, através das práticas do dia-a-dia. Que a oralidade perpassava a fala, era transmitida através do gesto, do canto, e pelos corpos dançantes. “Meu cotidiano é minha educação de terreiro, minhas educadoras são minhas mais velhas, são os Orisas - é minha comunidade que me ensina.” foi neste espaço que ela aprendeu sobre a vida, acolhimento, cuidado, escuta e respeito, que quem constituiu a pessoa que ela é hoje, foi a educação vivenciada no terreiro e não a educação aprendida na escola, que era excludente, silenciava e ignorava as religiões de matriz africana através de seus currículos engessados, datas comemorativas atreladas ao catolicismo, até hoje, ódio revestido de intolerância religiosa. “Sou movimento de Yánsàn na força comunitária que reúne mulheres em torno da busca

por trabalho, por saúde, por segurança familiar e alimentar.” a educação nos terreiros perpassa o culto ao sagrado, as ritualísticas religiosas, as diferentes aprendizagens desenvolvidas a partir deste território, é uma luta constante pela vida humana, pelos direitos dos povos de terreiro, luta contra a intolerância religiosa e pelos direitos de crianças e adolescentes, que são quem vão seguir essa luta ancestral.

Trago também a fala do Baba Diba de Iyemonja, que foi nascido e criado na tradição de matriz africana. Sua história com o batuque foi tecida através das mãos de sua bisavó materna Dona Júlia de Iyemonja, que além do batuque, cultuava a umbanda também. Nascida em Itaqui em 1880, mudou-se para Porto Alegre, no Areal da Baronesa, por volta de 1930. Com o crescimento de Porto Alegre e a partir das especulações imobiliárias, a família foi se deslocando, de forma forçada, para as grandes periferias. A família migrou por alguns bairros da cidade, em 1942 a família adquiriu e fixou moradia na Vila São José, no bairro Partenon, onde se encontra localizada a comunidade nossa comunidade tradicional de terreiro até hoje. O território foi crescendo e se ampliando, agregando outras famílias, netos foram crescendo, formando as suas famílias e seguiram aglomerados ao entorno de Ìyá Júlia, o território foi se configurando em um grande quilombo, uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana. Em outubro de 1963, Ìyá Júlia, retornou a massa de origem, foi então que Ìyá Mana de Iansã, assumiu o terreiro, dando sequência apenas ao culto do batuque e não da umbanda, dedicando sua vida aos filhos e filhas e ao seu compromisso com a comunidade enquanto Íyálórìṣà. Em 1974, com a separação de, sua mãe Dona Helena, Ìyálórìṣà Helena de Oxum, Babá Diba, que na época tinha apenas 10 anos de idade, e seus irmãos, passaram a residir com sua avó, dona Mana, no terreiro. Em seguida passou a morar na cidade de Viamão com sua tia Dona Edília, que posteriormente se tornou sua Ìyálórṣà, conhecida como Ìyá Otília de Xangô.

Frequentador assíduo, do terreiro de umbanda cruzada da Madrinha Lúcia do Ogum da Lua, ia para os cultos de umbanda mesmo quando sua mãe não podia estar presente. Sabia todos os pontos de umbanda e o momento da manifestação de cada entidade. Como toda a criança frequentadora de terreiro, brincava de batuque e umbanda, de estar incorporados com Caboclo, Preto Velho, Exu e de manifestar Òrìṣà. Criavam seu próprio terreiro, através dos que assistiam pelas

frestas das casas. A participação das crianças nessa época era muito limitada, por conta das perseguições aos terreiros, o Órgão na Época Juizado de Menores, vinculado à Secretaria de Segurança Pública, que ameaça retirar a guarda das crianças e penalizar os responsáveis, caso as crianças frequentassem os cultos não católicos. Eis que em uma das giras de umbanda que foi, com apenas 7 anos de idade, incorporou o Cabloco Ogum da Lua, causando um apavoramento coletivo, “não era cabível uma criança de sete anos incorporar uma entidade”, a cacique da umbanda realizou alguns procedimentos litúrgicos para postergar as manifestações mediúnicas, ali, aos sete anos de idade, já estava selada a herança de tradições de matriz africana que carregava em si. Em 1980, após o falecimento de sua avó, Íyá Mana de Iansã, voltou a residir na Vila São José, junto de sua mãe e suas irmãs. Em dezembro do mesmo ano, foi iniciado pela sua tia Íyá Otília de Xangô, filho de Iyemonja, assim como sua bisavó Íyá Julia. Em 1985, Baba Dida teve um sonho, no qual Iyemonja pediu para ir para casa, pois ele teria um papel importante, dar continuidade ao legado deixado por sua bisavó, contrariada pois ele tinha recém vinte e um anos e apenas cinco de iniciado, Íyá Otília, após consultar o oráculo e confirmou o pedido de Iyemonja, cedeu, no final daquele mesmo ano Baba Diba levou Iyemonja e os demais orixás pra casa. Em 1992 foi coroado como Cacique na umbanda, iniciando também as giras, assim dando assim continuidade ao seu legado ancestral de forma completa.

Trabalhou desde muito jovem, em 1984 se deparou com o movimento de luta pelas “Diretas Já”, naquele momento despertou interesse pela luta política e pelos direitos, “a cidade se vestiu de liberdade, meus olhos e meu coração foram tomados por vozes, gritos, reencontros e força política.”. Já havia se dado conta de sua negritude, após sofrer racismo ao namorar uma menina branca e a família dela tratá-lo como “negrinho sujo” e após os questionamentos de sua avó perguntando “Diba, tu és preto ou branco?”, após responder afirmando que era branco ela complementa dizendo “se tu não sabes filho, a sociedade lá fora vai te dizer, mas vou te dar uma pista, passou das seis é noite!”. Aos poucos as tradições de matriz africana e a política se tornaram cada vez mais presentes na sua vida, foram o levando para novos postos, novas experiências, desde o casamento no terreiro, validado pelo judiciário, ao projeto Ori Inu Erê, com crianças do terreiro sendo visibilizadas pela sociedade embranquecida. Esteve também no

enfrentamento à suprema corte, quando tentaram cercear a liberdade de crença do povo de terreiro, proibindo a sacralização de animais aos orixás. Formado em Bacharel em Saúde Coletiva pela UFRGS, ingresso pelas ações afirmativas, não conhece fronteiras quando a luta é do Povo de Terreiro, participante ativo da RENAFRO - Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde, como coordenador, possibilitando-o de ampliar a sua rede, conhecendo grandes referências do Candomblé, Tambor de Mina, do Xamba, bem como outras referências políticas, “eu me coloco como andarião preche das lutas, disposto ao enfrentamento cotidiano contra o racismo religioso. Iyedigba é Orúkọ que carrego, nome africano que significa: Yemonja multiplica suas forças por duzentos.”

A SEÇÃO III - AGENCIANDO CULTURAS INFANTIS DE TERREIRO E DIÁLOGOS COM POLÍTICAS PÚBLICAS, neste parágrafo as autoras vão tecendo fios para evidenciar os corpos infantis dos terreiros, a importância desses corpos para a comunidade e para o sagrado, nos provocam a todo o momento revisitar as nossas infâncias, o texto encharcado de detalhes, por vezes nos faz imaginar as cenas por elas vivenciadas.

Nosso objetivo neste capítulo passa pelos gostos dos possíveis que podemos sentir no momento em que construímos a ideia-conceito “gira-mapa” enquanto dispositivo poético-teórico-prático que nos possibilita traçar os vestígios do ser, estar e viver infâncias do corpo em comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana. Para isso perguntamos às leitoras e leitores: como é o gostinho da infância de quem nos lê? (ALVES; MEDEIROS, 2022, p. 107)

Vão trazendo as essas concepções de dentro para fora, com o olhar a partir do território, de uma metodologia produzida no viver, “o fazer ciência com pessoas e grupos, comunidades numa relação sujeita-sujeita, em que o lugar de enunciação importa”. E para isso vão observando, esmiuçando, compreendendo e ressignificando os espaços e os corpos de terreiro, evidenciando a importância de cada um deles para a construção e continuidade destes espaços. Valorizando desde o bebê, no ventre de sua mãe, ao mais velho, pois todos têm um papel de extrema importância na constituição da comunidade de terreiro, todos são, por mais que ainda novos, carregados de histórias e de ancestralidade.

Gira-mapa faz a gira girar em espiral, e no tempo-espaço vamos agenciando nossos corpos que fazem correspondência ancestral, esta é nossa enunciação. Quando falamos, cantamos, giramos, somos muitas... em cada criança e adulta existem milhares de vozes-vidas, vivas-vivências que protagonizam gestos de nossas próprias histórias. (ALVES; MEDEIROS, 2022, p.109)

A escrita vai desenhando a relação com os corpos-infantis com o terreiro e as religiões afro brasileiras, corpos que antigamente eram privados de participar dos ritos, participando apenas da mesa de Ibeji, por toda uma pressão da sociedade eurocêntrica, que ainda nos dias de hoje demoniza e persegue os cultos de matriz africana. As crianças e adultos eram orientados a não usar seus colares de conta e suas guias no pescoço, principalmente ao saírem na rua ou irem para a escola, com a desculpa que não deveriam expô-las ao sol, mas sabemos muito bem o por que, das mesmas receberem esse tipo de orientação, não é mesmo? Era uma forma de protegê-las dos preconceitos e intolerância religiosa. Mesmo diante a isso, as crianças espiavam os ritos através das frestas das casas e recriavam sua própria roda de batuque ou umbanda, imitando as vozes e trejeitos das entidades e divindades manifestadas. Aos poucos, através da luta contra a intolerância religiosa, os povos de terreiro foram se fortalecendo, às crianças foram participando ativamente dos ritos.

Trazem o conceito de tempo espiralar, que é um conceito que se refere à forma como o corpo se metamorfoseia, aparece, esconde-se e se mostra novamente, através de repetições e intervalos, neste caso “o tempo espiralar permite o diálogo e a fluidez dos corpos entre os mundos visíveis e invisíveis, entre os vivos e os mortos...” relação essa que será denominada como “sujeito-ancestral-divindade” (Míriam Alves, 2012). Apostam na escrevivência de memórias das infâncias do corpo, produzida na relação sujeito-ancestral-divindade, escrevivência é a junção de duas palavras, escrever e viver, que é escrever através de suas memórias e experiências, “se dá através da vida do povo negro, das histórias e memórias de homens, mulheres e crianças, das experiências da coletividade negra.” (Evaristo, 2017).

Alves e Medeiros na sua escrita e compilados de memórias, vão abordando sobre a descolonização da infância, trazendo a importância de considerar infâncias negras e de terreiro como plurais, trazendo as suas próprias vivências, rompendo com os padrões brancos eurocêntricos de tratar as infâncias. Dando espaço para valorizar como as crianças de terreiro adquirem conhecimento, participam dos rituais, aprendem sobre sua ancestralidade através da religiosidade e cultura afro-brasileira, valorizando as tradições africanas. Reforçando a resistência, para que não haja um apagamento da cultura e da contribuição dos povos pretos para a

sociedade, fortalecendo a construção da identidade das crianças. Propõem também uma Pedagogia descolonial, que dialogue com a diversidade de cada criança, que respeitem e integrem saberes, em busca de uma educação antirracista, equitativa, inclusiva e transformadora.

O livro de Stela Caputo é resultado de uma pesquisa de vinte anos, na qual ela conviveu em um terreiro, conhecendo suas práticas e cultura, e pode vivenciar as crianças crescendo e aprendendo a paixão pelo sagrado, o amor pelo culto aos orixás, relata que em todos os momentos no terreiro, as crianças estavam felizes, e desempenhando papéis importantes, inclusive, ensinando e auxiliando outras crianças e adultos. Elas iam construindo sua identidade enquanto crianças negras, orgulho da sua cor, aumentando sua autoestima, “mas... no meio do caminho caminho tem a escola, tem, tem a escola no meio do caminho.” (CAPUTO, 2012, p. 197)

Junto deste amor, ao serem discriminadas, crescia muita vergonha de expor sua fé, de dizerem que eram frequentadores de candomblé, principalmente na escola, pois temiam sofrer preconceito. E quando questionados, essas crianças diziam ser católicas, por medo de sofrer repressão pela sua fé. De acordo com as crianças a discriminação ocorria em diversos espaços, mas na escola é “o pior deles”, pois o preconceito não era só dos colegas, mas também dos professores, que os julgavam e de acordo com os relatos da avó que precisou trocar as crianças de escola, pois a professora passava óleo ungido para tirar o diabo de quem fosse de Candomblé.

Caputo vai trazendo evidências de como a escola pública negligencia, discrimina e exclui as crianças que são frequentantes de religiões afro-brasileiras, e como as crianças vão reagindo a isso, através de estratégias para se tornar invisível e não sofrer discriminação. Uma das meninas entrevistadas, chega a dizer na escola, que a mãe a havia lido batido e cortado com gilete, quando foi questionada sobre as curas, incisões feitas na pele durante a iniciação no candomblé, para não admitir que era frequentadora de terreiro.

A autora ao mesmo tempo que critica como as escolas é estruturada em torno do eurocentrismo, que nega as culturas afro-brasileiras, reproduzindo preconceito e estereótipos, faz uma reflexão de que a escola precisa se remodelar, fazendo uma conversa com a cultura das religiões afrodescendentes, para que

todas as crianças se sintam pertencentes, incluídas e tenham suas identidades e culturas respeitadas e valorizadas pela escola.

3. Projeto Ori Inu Erê, uma inspiração de vida

Em 2003, alguns *ômorioças* do terreiro, preocupados com a preservação e transmissão dos valores da visão de mundo afrodescendente para as crianças e adolescentes da comunidade, pensaram em implementar algumas ações voltadas para este objetivo. As oficinas eram de capoeira, canto coral, percussão e reforço escolar. E cada uma acontecia em um dia da semana, no fim da tarde. Em 2004, ainda amadurecendo a proposta, as atividades foram concentradas em um único dia da semana, passando a serem realizadas aos sábados. As mesmas deveriam desenvolver atividades educativas e pedagógicas, com o intuito de combater o preconceito, a discriminação racial e a intolerância religiosa. Já em 2005, essa proposta passou por uma nova organização e alinhamentos pedagógicos, foram implementados temas geradores, que eram o elo entre as oficinas. Os temas foram surgindo a partir do estudo e pesquisa dos educadores, visando os valores éticos, estéticos, filosóficos e cosmológicos trazidos de África.

Dando origem assim ao Projeto Ori Inu Erê, que traduzido do Iorubá significa, a cabeça de dentro das crianças, Projeto Étnico-Social, desenvolvido pela organização não-governamental ÁFRICANAMENTE - Centro de Pesquisa, Resgate e Preservação de Tradições Afrodescendentes, desde 2003. Uma das primeiras temáticas abordadas foi o Mito da criação do Aiyê na perspectiva Yorubana, como alicerce da proposta de reconstrução positiva de uma identidade étnica afrodescendente, resgatando, conhecendo e valorizando a história e cultura africana afrobrasileira, e problematizando como ela é apresentada na escola, através dos livros didáticos e diversos meios de comunicação. O Ori Inu Erê atendeu quarenta (40) crianças e adolescentes, em sua maioria moradores da região e era realizado aos sábados, das 13 às 19 horas, no espaço do Terreiro Ilê Asè Iyemonja Omi Olodo, na vila São José, no bairro Partenon, em Porto Alegre/RS.

Precisamos de uma educação que nos ensine a valorizar a negritude, a história negra e as nossas contribuições. É assim que construímos autoestima e resistência. (hooks, 1994, p. 35).

As oficinas eram de capoeira angola, arte que envolve e integra o corpo e a mente, onde era socializado sobre a origem da capoeira e sua trajetória no Brasil,

história dos mestres, desenvolvimento do corpo para o jogo, cânticos e formação da orquestra rítmica, até chegar na roda de capoeira. Lembro que, para mim, tinha alguns movimentos muito difíceis de fazer, no entanto eu me sentia fortalecida pelo grupo e acabava tentando e explorando o corpo até atingir o movimento.

Uma das músicas cantadas na capoeira, que nos auxiliam a refletir sobre a escravilização dos negros e sobre a luta do nosso povo para liberdade.

“Dona Isabel, que história é essa de ter feito abolição? De ser princesa boazinha, que acabou com a escravidão. Estou cansado de conversa, estou cansado de ilusão. Abolição se fez com sangue do meu povo neste país. Que o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz...” (Mestre Toni Vargas)

Título: bateria da capoeira. Momento em que reunimos os conhecimentos adquiridos durante as oficinas de capoeira, fazendo a grande roda de capoeira com bateria



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: corpo e movimento. aprendendo os movimentos da capoeira angola



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Ginga e mandinga. Aprimorando os movimentos da capoeira angola



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Na oficina de Rap, através do ritmo e da poesia, nós jovens éramos instigados a transmitir informações, promover reflexões sociais e preservar a história da comunidade. O mito da criação do Aiyê, mundo, e as análises das relações raciais no Brasil, foram fonte de inspiração para a produção de algumas músicas. Lembro de junto do meu irmão, ficamos ensaiando e criando letras em casa, para podermos apresentar ao grande grupo, no sábado. Foi um período muito importante

para mim, lembro de ir perdendo a vergonha aos poucos, me sentir confiante, acolhida no grupo. A Toki era rapper e cantora, eu adorava aquela sensação. Queria andar como as cantoras de rap da época, lembro muito da Negra Li, vivia de trança e querendo usar calças largas da XXL, marca famosa. Nas nossas condições financeiras, quando ganhávamos, era réplica, mas a sensação de estar vestida como a cantora era imensurável.

*“...O negro é forte, é arte, é amor. O negro
canta, o negro bate tambor.
Tenho orgulho de ser negro, de ser
batuqueiro. Olodumare nos proteja, desse navio
negreiro... Enquanto eu dormia uma voz me falou,
negro te liberta cativo acabou...” (Giovani
Bandeira)⁸*

Título: Apresentação na Casa de Cultura Mário Quintana



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

⁸ Música: Somos Negros, criada pelo educando do projeto.

Título: Criando rimas



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Nas oficinas de percussão, ao som dos tambores, agogôs e agês, era refletido sobre a importância da musicalidade para os nossos ritos, para a comunicação entre seres humanos e divindades. Os toques sagrados e ritmos do rap eram pesquisados e resgatados, com a proposta de compreender e preservar a importância da ancestralidade musical.

Título: O toque do tambor



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Compartilhando saberes ancestrais.



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Na oficina de canto coral, havia a perspectiva de manutenção da tradição oral, do canto em grupo e da musicalidade afrodescendente. Eram pesquisados e utilizados cânticos africanos, afro-brasileiros e religiosos. Minhas inspirações eram o Coral do Cecune, principalmente minha mãe de coração, Nina Fola, que eu admiro ouvir cantar desde pequena até os dias de hoje, sempre que tenho a oportunidade, peço para ela cantar *Punhal* e minha irmã de axé, Kátia Toyebi, que tens uma voz inigualável. A música traz memórias afetivas do tempo em que a oficina de canto acontecia durante a semana.

Título: Muitas vozes, um sentimento. Momento em que trabalhávamos as letras das músicas, seus significados



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Por sua vez, a oficina de artes visuais, auxiliava na organização das identidades individuais e coletiva do grupo, possibilitando a autonomia e exposição dos sentimentos. Na oficina de protagonismo juvenil, as atividades eram realizadas com os adolescentes, com o intuito de formar lideranças capazes de compreender, intervir e transformar o contexto social, a partir da reflexão dos valores que estruturam a sociedade comparados aos valores civilizatórios afrodescendentes.

Título: Roda de saberes



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Nas oficinas de jogos pedagógicos, o lúdico era a principal característica. Eram propostas atividades que contribuíssem para a assimilação dos saberes referentes ao tema gerador.

Título: Ludicidade e criatividade



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Pedacinho de África



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Na oficina de afoxé, era feito um compilado dos conhecimentos adquiridos na oficina de percussão e canto coral. Havia também uma oficina de dança dos orixás, onde as expressões corporais dos orixás eram observadas durante as festas e rituais, com o intuito de explorar e ampliar os conhecimentos sobre o significado de cada movimento da dança.

Título: Dialogando com o sagrado



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Saberes ancestrais



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Através das vivências, aprendizagens e experiências, o Ori Inu, passou a pensar em como poderia apresentar para a comunidade, um pouco do que desenvolvia durante as suas tardes de sábado. Surgiu a oportunidade de representar a dança dos orixás, no R'Gongo, que é uma manifestação de ancestralidade negra, que surgiu através da festa de Pretos e Pretas Velhas, na Comunidade Ilê Asé Iyemonja Omi Olodum, em 1993, uma forma de fazer a comunidade repensar sobre o dia 13 de maio, dia em que foi assinada a abolição da escravatura. Em 1998 assumiu o formato de mostra da Mostra de Cultura Negra, onde a pluralidade das expressões artísticas e culturais da comunidade tiveram espaço de valorização, culinária, capoeira angola e música apresentadas pelos religiosos da comunidade do terreiro.



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Representação da dança dos orixás



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Representação de Osun



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Representação do aforiba.é uma dança mitológica que representa o momento em que lansã embebeda Ogum para fugir com Xangô



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Como resultado das aprendizagens adquiridas no projeto Ori Inu Erê, se criou uma peça de teatro sobre *O Mito da Criação do Aiyê* (mundo), onde as crianças e adolescentes conheceram o mito e montaram uma peça de teatro para representá-lo. Participaram da criação do roteiro, figurino, falas e cenário. A grande estreia ocorreu no Teatro da Casa de Cultura Mário Quintana, onde familiares, amigos e a comunidade de terreiro foram convidados a prestigiar. Posteriormente se criou a peça de teatro sobre *O Mito da Criação dos Seres*, que teve sua estreia em um dia muito especial, no Terreiro. A partir deste compilado de saberes, se criou o Caderno Pedagógico do Projeto Ori Inu Erê, que em março de 2007 teve sua cerimônia de lançamento no Memorial do RS. Foi uma noite marcada por intervenções artísticas e socialização dos objetivos atingidos em prol do resgate e valorização da identidade preta.

Caderno Pedagógico Ori inu Erê



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Noite de autógrafos



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: Noite de autógrafos



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Título: roda de capoeira



(Fonte: blog do projeto Ori Inu Erê)

Com o intuito de socializar os seus conhecimentos e saberes, além das apresentações artísticas, o Projeto passou a ministrar palestras para divulgar as

ideias e propostas, através dos relatos de experiências e divulgação de pesquisas, vivências a partir das oficinas, a fim de promover o acesso ao público geral. Também houve a participação do grupo de jovens em debates, oportunizando diálogos e trocas de informações e espaço de formação para educadores das redes de ensino pública e privada, fomentando e sensibilizando os educadores a construção de práticas pedagógicas que estivessem de acordo com a cultura e história africana e afro-brasileira. E em 2009 o projeto Ori Inu Erê, através dos trabalhos desenvolvidos com as crianças da comunidade, ganhou o Prêmio Nacional de Igualdade Racial, promovido pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - Seppir, em parceria com a ONG Criar Brasil do Rio de Janeiro.

4. Revisitando memórias

Um tempo antes de iniciar o semestre de escrita do TCC 2, eu já havia conversado com os ex-integrantes do projeto que seriam entrevistados, não falei muito sobre o que seria discutido, mas deixei especificado que falaríamos sobre nossas memórias do Projeto Ori Inu Erê. Eram quatro convidados, três homens e uma mulher, que iriam compor as entrevistas individuais, que posteriormente, pensando na qualidade e na fomentação de diálogos, se tornou uma roda de conversa. Fiquei de passar o dia e horário mais perto, pois nossa agenda não podia atrapalhar o calendário litúrgico do terreiro, e eu sentia que essa conversa precisava ser lá, nesse espaço carregado de significados, tanto para eles, quanto para mim. Mais perto de quando eu precisava das entrevistas, fiz um grupo no WhatsApp, a fim de junto com eles, decidirmos qual era o melhor dia. O cenário já havia mudado, um dos entrevistados agora trabalha a noite, único horário que eu tinha possibilidade de realizar a conversa, sendo assim não pode participar. O outro estava às vésperas de iniciar os ritos em seu próprio terreiro, recolhendo cerca de oito filhos de santo, mesmo com a correria dos preparos e da organização, confirmou presença para nossa entrevista, mas deixando especificado de que precisava ser nesse intervalo de uma hora, pois ainda tinham muitas coisas para resolver em seu terreiro.

Na semana da entrevista, todos os três entrevistados estavam confirmados. Organizei um lanchinho e um chimarrão, para compartilharmos durante a conversa, marcamos no Terreiro, local de fácil acesso para eles, tudo estava saindo como o planejado. No dia, saí alguns minutos antes do trabalho, para não perder o ônibus e poder organizar o espaço para recepcioná-los. Eis que fui surpreendida pela manifestação dos moradores do bairro Humaitá, que faziam reivindicações sobre as consequências das enchentes, foram 15 minutos de espera do ônibus e mais 55 minutos para atravessar o túnel da Conceição. Cheguei no Terreiro com uma hora de atraso e os convidados seguiam me esperando, no entanto, não foi possível realizar as entrevistas logo que cheguei, pois o tempo cronológico do terreiro é outro, o espaço já estava sendo usado para outras demandas religiosas e os convidados envolvidos nas mesma, sendo assim foi necessário esperar que os preceitos marcados para aquela noite fossem encerrados, para que assim pudéssemos dar início às entrevistas, o que inviabilizou a participação de um dos

convidados, pois já se passavam das 23:30, quando demos início às entrevistas. Mas acredito que as coisas acontecem como devem ser, pois mesmo com um convidado a menos, nossa conversa seguiu com potência, repleta de lembranças, saudades e agradecimentos, mesmo que ocultos nas nossas trajetórias.

4.1 Portadores das memórias

Bara Bunmy, cujo o orukó significa o presente que Bara trouxe, tem 32 anos. Frequenta o terreiro desde que nasceu, pois seu pai é o “babalorisa”¹ do terreiro. Sempre trabalhou com atendimento ao público, na área comercial. Iniciou a faculdade de Serviço Social, mas acabou trancando, apresenta o desejo de voltar a estudar e se aprofundar na área.

Iyemi Bade, cujo o orukó significa é aquele que alcança junto a “Iyemonja”², tem 35 anos. Frequenta o terreiro desde os 7 anos de idade, por conta de problemas de saúde, sua mãe recorreu ao terreiro para o cuidar. Atualmente trabalha com atendimento ao público em uma imobiliária. Cursava Direito, atualmente trancada, mas demonstra o desejo de voltar a estudar.

4.2 O que dizemos mesmo sem nomear?

Durante a transcrição e análise das entrevistas, junto de minha orientadora, fomos pensando formas de como estruturar as entrevistas para que pudesse deixar organizado da melhor maneira, através de tópicos de análises, e especificar o que os ex participantes do Projeto queriam me dizer em suas falas, que por hora estavam repleta de sentimentos de nostalgia. O que deste conteúdo, que fala da vida destas pessoas, seria “o mais importante?”, como delimitar o que contaria das entrevistas, sendo assim chegamos à seguinte conclusão: nomear e distribuir a entrevistas por assuntos, através do que os entrevistados ressaltam sobre a contribuição do Projeto Ori Inu Erê em sua constituição de vida, que estarão especificados nas próximas linhas deste subcapítulo em seis dimensões: ser negro, ser cidadão, ser de terreiro, ser social, ser de aprendizagem e ser de ensinagem.

4.4 Ser negro

durante nossa conversa foi possível identificar que o conceito de identidade estava muito presente em suas falas, o projeto auxiliou na construção de suas imagens, fazendo que muitos pudessem se reconhecer enquanto pessoa negra, independentemente do tom da cor de pele. Construindo conceitos como os diversos fototipos presentes, variedades de cabelo, boca e nariz, traços que por mais que as vezes embranquecidos, por conta da missigenação, não nos fazem ser menos ou mais negros. “Antes mesmo do Projeto, eu que nasci aqui, me julgava como branca, que o meu tom de pele é claro, mas o projeto me ensinou isso, que existem variações de tom de pele, então eu me identifiquei como negra a partir do Projeto...” (Bara Bunmy). Esse processo de reconhecimento dos traços afrodescendentes, foi de extrema importância para a construção de uma identidade positiva em relação a negritude, pois possibilitou que adolescentes e crianças, que sofriam ao tentar se encaixar nos padrões de uma raça que não os representa, construíssem a sua identidade, se reconhecendo, auxiliando na construção e fortalecimento de sua autoestima, ressaltando a beleza de seus corpos, de seus cabelos e traços.

Essa construção de identidade é mais que uma construção individual, ela é uma construção também social. Em uma sociedade desigual, questões de classe social, gênero e raça influenciam na forma como nos vemos e como o outro nos vê. A ativista social e filósofa brasileira Djamila Ribeiro aborda sobre o assunto, destaca a importância de discutirmos sobre a constituição da identidade em contextos de resistência e opressão. Dá ênfase para a necessidade de consciência racial em uma sociedade racista. Que a construção da identidade negra é marcada pelo resgate de memórias, luta por direitos e muita resistência.

4.5 Ser cidadão

o projeto Ori Inu Erê fomentou o ser cidadão em seus educandos, às aprendizagens desenvolvidas nas oficinas e a vivência no Terreiro foi essencial para promover uma visão de ser enquanto sociedade, que somos seres de direitos e deveres, envolvendo práticas individuais que promovem ações que impactam a sociedade, “...mas o projeto nos deu essa possibilidade, tu não perder aquela vontade de buscar mais. De ser quem a gente quiser, e não que a sociedade nos

imponha pela nossa cor de pele e classe social!”. (Iyemi Bade). Os Valores Civilizatórios Afrodescentes, que são eles senioridade, transgeracionalidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, oralidade, memória, comunitarismo/cooperativismo, ser integrado ao todo, axé e religiosidade, foram o alicerce para a proposta de educação étnico-social ofertada pelo Projeto, e baseados nestes valores buscavam a construção de um mundo melhor. A Djamilia Ribeiro enfatiza que para ser cidadão, para que haja uma cidadania plena, é preciso um combate ativo sobre as injustiças sociais, enfrentando as desigualdades estruturais que afetam os grupos marginalizados pela sociedade, para ela “não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.

4.6 Ser de terreiro

para ser integrante do projeto não precisava ser frequentante do nosso Terreiro ou de algum outro, o Projeto Ori Inu Erê era aberto para as crianças da comunidade, no entanto era composto, em sua maioria, por filhos de frequentantes. O projeto nos possibilitou enxergar a nossa religiosidade de outra forma, o Terreiro não era apenas um espaço para cultuar nossas crenças, a partir do Projeto, com os olhos mais lapidados, pudemos ver a dimensão do que o nosso Terreiro já era, e hoje o que ele ainda é na atualidade “o terreiro é um espaço de aprendizagem!” (Iyemi Bade)

Os nossos mais velhos aprenderam que não podia usar guias e fios de conta durante o dia, pois não podiam ser expostos ao sol, mas depois foram entendendo que era uma forma de escondermos nossa fé, de não expô-la por conta dos preconceitos que poderiam e iriam enfrentar. O Ori Inu, nos fortaleceu de forma tão grandiosa, que fomos rompendo as barreiras, que usávamos guias até para ir para escola, não tínhamos medo de dizer que éramos de terreiro, assumimos os nossos orukos para além do terreiro, usando eles em diversos espaços que frequentamos. “Mas foi importante pois isso desencadeou a pessoa não ter mais vergonha de dizer que é batuqueiro, na nossa época ali, a gente não andava de guia no pescoço, fomos aprendendo a ser a gente.” (Iyemi Bade), movimento que só foi possível através da luta e resistência da nossa ancestralidade.

Em sua fala, Ribeiro traz como fundamental a importância dos terreiros e das religiosidades de matriz africana para a construção da identidade negra e na resistência contra o racismo estrutural, destacando os terreiros de religiões afro-brasileiras, como espaços de preservação cultural, fortalecimento comunitário e resistência política, pontuando a perseguição e estigmas históricos que esses espaços sofrem devido ao racismo religioso, e que uma parte essencial para a luta antirracista é reconhecer e respeitar essas práticas "O racismo religioso é uma forma de opressão que desumaniza os praticantes das religiões de matriz africana e busca apagar uma parte fundamental da nossa história e cultura.". Fortalece os terreiros como espaços de acolhimento, cura e saberes ancestrais e fundamentais para a construção da autoestima, identidade e pertencimento para as pessoas negras.

4.7 Ser social

nossas vivências e discussões foram nos moldando como seres sociais, seres comprometidos com a nossa sociedade, com uma sociedade em que todos tivessem os mesmos direitos e deveres, uma sociedade que não julgasse pelos bens que a pessoa tem ou não, uma sociedade em que as pessoas não fossem discriminadas ou tivessem menos oportunidades por conta do tom da sua pele. Sempre estivemos presentes, enquanto jovens do Projeto Ori Inu Erê, em algumas discussões e movimentos sociais que estavam ocorrendo na nossa cidade. Como quando em 2003 estávamos protestando, batendo tambor na arquibancada, quando um projeto de lei estadual no Rio Grande do Sul visou proibir a prática da sacralização de animais pelos terreiros, discussão que se tornou nacional e envolveu diversas instâncias jurídicas, defendidas pelo Dr. Hélio Silva Junior, no STF. "o mínimo de coisa que eu faço, vai fazer a diferença pra alguém!" (Iyemi Bade). Ou quando participamos de uma manifestação em frente ao prédio da reitoria da UFRGS, a favor da aprovação das cotas raciais "Muitos não vão lembrar, mas estávamos batendo tambor em frente à UFRGS para aprovar as cotas raciais, tá lá registrado em fotos. A gente precisou bater tambor em frente a uma universidade para poder acessar ela, pretos e indígenas." (Iyemi Bade). Movimentos esses que não eram pensando somente em nossos futuros, mas comprometidos com toda a sociedade, não era pra Toki, pro Bade ou pra Bunmy,

era um movimento coletivo para que Anas, Rodrigues, Gustavos, Fernandes, e inúmeros pretos e indígenas pudessem acessar esse espaço que é público.

Para Ribeiro, a nossa identidade é formada a partir das relações sociais, ninguém sobrevive fora desta estrutura, e reconhecer isso é essencial para identificar os privilégios e opressões que moldam as interações sociais. "Somos frutos de processos históricos que moldaram a sociedade em que vivemos. Reconhecer essas estruturas é o primeiro passo para questionar e transformar o que nos cerca." (Ribeiro,2019). Para ela, a ideia de ser social está diretamente relacionada à noção de responsabilidade coletiva, por mais que as escolhas sejam individuais, elas são baseadas em um contexto social mais amplo,ou seja, as desigualdades sociais não são falhas de pequenos grupos, mas sim de toda a sociedade.

4.8 Ser de aprendizagem

"O conhecimento, faz com que as portas se abram. O projeto foi um divisor de águas, nos fez abrir a mente.", o projeto Ori Inu Erê, foi essencial na nossa construção educacional, tivemos muitas referências que, se desacomodaram, estudaram e seguem estudando, fomentando o conhecimento para si e para o coletivo. Educadores que nos motivaram a seguir na busca de conhecimento, nos mostram que é possível alcançá-lo, que apesar de uma tarefa árdua, os sonhos podem ser sonhados e realizados, respeitando o seu tempo e processos.

"Eu acredito que o Bade teve interesse nesse curso, por ver o tanto de injustiças que acontecem por aí. Na época do projeto, teve a Olori que estava se formando em psicologia, a Toyebi que estudava para ser enfermeira, o Obafemi, que fez educação física. Então eu acho que muitas das nossas escolhas educacionais foram voltadas às áreas sociais, e eu acredito que sim pelo fato do projeto ter aberto um leque de possibilidades na vida da gente. Eu optei pelo serviço social, trabalhei um período como educadora social, o Bade escolheu direito, tu Pedagogia, então acredito que sempre foi voltado pra área social, pra ajudar de alguma forma, então sim o projeto contribuiu muito, para nossas escolhas." (Bara Bunmy)

O Projeto, as inquietações que foram crescendo de acordo com nossas percepções de sociedade e os exemplos que tivemos, nos possibilitaram sonhar e ocupar diversos espaços no qual não pensávamos ser possível."E hoje o pai de santo, não é só pai de santo, é psicólogo, advogado, sanitarista, mostrando que o terreiro não é lugar só pra bater tambor, mas sim para expandir conhecimento." (Iyemi Bade) e seguimos assim, em constante aprendizagem.

De acordo com Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, a aprendizagem é um processo constante do ser humano “O inacabamento do ser humano, a consciência do inacabamento, a nossa inconclusão nos fazem seres permanentemente abertos à aprendizagem.” (Freire 1996), é através do processo de aprendizagem que se reflete sobre o mundo e então age para transformá-lo, sendo a aprendizagem uma tarefa permanente e não pontual. Refletindo a ideia de que a aprendizagem não está só ligada a sala de aula, mas é parte da existência humana.

4.9 Ser de ensinagem

“Existe o conhecimento de vivência, que é tão importante quanto o conhecimento acadêmico, não é porque ele é médico que vai ser melhor do que eu” (Iyemi Bade) no terreiro todos são seres de aprendizagem, no terreiro se estabelece uma relação na qual todos têm algo a ensinar e todos têm algo a aprender, independentemente da sua formação no mundo acadêmico, quando tiramos nossos sapatos e pisamos descalços no terreiro, os nossos títulos e diplomas ficam no cantinho da porta, junto dos calçados, dando espaço para um ser que está preparado para ensinar e está aprender com seus pares. “Os valores civilizatórios, “Os valores civilizatórios, que levo até hoje comigo. É a questão da transgeracionalidade.”, respeitando o conhecimento passado pelo mais velho através da senioridade e da transgeracionalidade, mas também valoriza o conhecimento do mais novo através da circularidade e da complementaridade, compreendendo que na vida tudo é cíclico, que circula entre os seres no espaço e no tempo e a alimentos que se completam entre si, doando e recebendo.

O conceito de ensinagem, através de Freire, está diretamente ligado a como ele vê a educação libertadora, na qual ensinar e aprender estão diretamente interligados, não podendo se fazer uma separação de um e outro, ensinar e aprender acontecem juntos, relação em que ambas as partes aprendem e ensinam juntas, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (Freire 1996). O educador não possui todo o conhecimento, aprende com as vivências e conhecimentos do educando, caracterizando a ensinagem como um ato coletivo, participativo e baseado nas trocas de saberes.

O Projeto Ori Inu Erê, proporcionou uma educação antirracista aos seus

educandos, educação essa que ainda não tínhamos experienciado em nenhum outro ambiente, “eu acho que o que a gente aprendeu e viveu aqui, eu pelo menos não aprendi em nenhum outro lugar” (Bara Bunmy), pelo contrário, aprendemos no projeto e chegávamos na escola cheio de novidades e questionamentos de porque não víamos isso lá, de porque aquele espaço só nos contava o lado triste, que não representa a nossa história e cultura. Fomos nos fortalecendo e nos apropriando da nossa cultura de tal modo, que alguns professores passaram a querer conhecer o espaço que tanto nos referenciava.

Ao longo desta escrita, fui descrevendo vários seres, mas afinal o que esse seres tem para nos dizer? O que eles têm para ensinar para o mundo? Como o próprio slogan diz Projeto Ori Inu Erê - Valores Civilizatórios Afrodescendentes na Construção de um Mundo Melhor, é isso que queremos dizer, é isso que viemos mostrar ao mundo, como os nossos valores, os valores vindos de África podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, mais igual e mais humana, onde o conhecimento acadêmico, os bens materiais, crenças, religiosidade ou a cor de pele, não me torna melhor ou pior que o outro. Um mundo no qual as pessoas consigam compreender que todas as formas de vida são interligadas, compreensão de que na vida tudo é cíclico e que nos complementamos, doando e recebendo. O mundo no qual as pessoas entendam o verdadeiro significado do Ubuntu, que vai para além de uma palavra bonita, mas sim uma filosofia de vida, na qual valoriza o respeito, a solidariedade, coletivismo e interdependência, eu sou porque nós somos!

5. O que essas memórias nos dizem?

É impossível falar deste projeto sem me emocionar, sem que meus olhos fiquem marejados de lágrimas, sem sentir uma nostalgia gigantesca de um “tempo bom que não volta nunca mais” (THAÍDE; DJ HUM, 1990). Foi um vasto período, repleto de aprendizagens, desafios, reconhecimento, empoderamento, descobertas, crescimento e pertencimento, o período e as vivências foram responsáveis por grandes mudanças na minha vida.

Ao refletir sobre minha trajetória no Projeto, me deparo, lá no início, com uma menina negra de mais ou menos oito anos de idade, insegura, tímida e que não se impunha sobre as coisas que ouvia, que sofria racismo na sua família paterna, que são negros com tom de pele e traços embranquecidos. “Tu nem é tão preta assim!”, “Tu quer a vó paga o salão para arrumar o teu cabelo!”, “Tinha que puxar o cabelo ruim da família da tua mãe!”, sentia-se mal, mas não conseguia se impor sobre o que estava sofrendo. O projeto Ori Inu Erê me auxiliou a identificar e me impor contra as violências que sofria, me valorizar enquanto pessoa preta, a construir identidade positiva sobre minha pele, meu cabelo e sobre a minha religiosidade. Foi uma construção gradativa, que fez eu me perceber em outros espaços, ter o desejo de ensinar e multiplicar meus saberes, dar seguimento em busca de qualificação profissional através de cursos técnicos e até chegar na universidade pública. Ingressar, permanecer e concluir o curso de Pedagogia, é uma das maiores conquistas que o Terreiro e o Ori Inu me ajudaram a almejar e conquistar, pois me muniram de ferramentas para que eu pudesse lutar contra os percalços da vida, que sempre nos fazem querer desistir, e sempre que essa vontade vinha a tona, eu ia ao Terreiro, acendia uma vela para a mãe Osun, conversava com meu Babalorisa ou com algum irmão de santo, recobrava as minhas forças, centrava o meu eixo e voltava para essa estrada, que por mais que pareça solitária, eu tenho certeza de que nunca estive sozinha, pois esse curso não é uma conquista só minha, é uma conquista de toda a minha comunidade e da minha ancestralidade.

As marcas que o Projeto deixou em cada um que por lá passou, são de profundezas e espessuras diferentes, que não temos como dimensionar, mas para

os dois entrevistados foi essencial para sua construção de vida. Ambos levam consigo, produzem e disseminam os valores e aprendizagens que lá desenvolveram, uma ao educar os filhos, que atualmente participam das aulas de capoeira, desenvolvidas no Terreiro, através do conteúdo aprendido, sempre reforçando com eles a sua negritude, apenas do tom pele ser clara, os incentivando nos estudos. Para o outro, o Projeto abriu uma gama de novas oportunidades, proporcionando que ele não ficasse só na rua, mas que pudesse se envolver, pensar e dialogar sobre preconceitos e injustiças do dia-a-dia. Para ambos contribuiu no processo de autoafirmação, de identificação, de se visualizar em outros espaços e lugares que antes não se imaginavam, de lutar por seus direitos e pelos direitos de seus iguais.

Fazer uma análise sobre este projeto como pesquisadora, só fez com que aumentasse meu carinho por ele, pude perceber de fora (porém de dentro também), a magnitude das abordagens que ele nos proporcionou, da grandeza que ele teve e de como transformou vidas de crianças e adolescentes da comunidade. Retirando crianças e adolescentes da rua, muitas vezes em vulnerabilidade e proporcionando a eles uma reflexão sobre suas vidas, trazendo perspectivas para que pudessem realizar seus sonhos ou criar novos. Eu como pedagoga, percebo a importância da valorização da educação de terreiros, que vai para além da prática da religiosidade, referindo-se aos processos pedagógicos e de transmissão de saberes. Esses espaços são responsáveis por preservar, semear e reconstruir os conhecimentos ligados a cultura afro-brasileira, através de cânticos, rezas, histórias que vão sendo passadas de geração em geração, a valorizar a sabedoria ancestral, reconhecer a importância do cuidado com a natureza e o meio ambiente, pois ela é parte essencial para nossa sobrevivência e precisa ser preservada. Os filósofos Djamila Ribeiro e Paulo Freire, reforçam em suas escritas, a valorização de uma educação através de uma pedagogia libertadora, que resgate os saberes culturais dos grupos marginalizados, e de um espaço de educação que respeite e valorize as culturas afro-brasileiras, ou seja, quando falamos de educação de terreiros, estamos falando de uma educação essencial para a construção de uma sociedade mais respeitosa, inclusiva e diversa.

No ano de 2024 faz exatos vinte e um anos que as leis 10639/2003, que tornava obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, incluindo a cultura

indígena em 2008, através da Lei 11.645/08, foram promulgadas. Atualmente estou como monitora de inclusão, acompanhando uma turma do terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental, em um colégio da rede privada de Porto Alegre. Ao longo deste ano letivo, só vimos a história do povo negro no mês de novembro, nos outros meses não se conversou sobre diversidade, não se tratou da representatividade de raças em livros ou imagens. A cultura e história do nosso povo se resumiu a um único mês, o mês da Consciência Negra. Eu me pergunto e os outros 11 meses do ano? Os professores não estão aptos a fazerem essas acomodações no currículo? As redes de ensino ainda não estão cobrando esse conteúdo? As inúmeras perguntas que mesmo após vinte e um anos seguem sendo feitas, e nossas crianças seguem não tendo representatividade. O Projeto Ori Inu Erê vem para romper barreiras, mostrando que é possível fazer uma pedagogia voltada para uma educação inclusiva, antirracista, voltada para o respeito as culturas afro-brasileiras, trabalhando a diversidade dentro e fora de aula, fazendo com que as crianças negras tenham referências positivas sobre a seus antepassados, formem uma visão e identidade positiva de si.

Referências

DUTRA, Mário Augusto da Rosa; ALVES, Míriam Cristiane (org.). **Valores Civilizatórios Afrodescendentes na Construção de um Mundo Melhor. Caderno Pedagógico - Vol. Uma Proposta de Educação Étnico-Social.** Porto Alegre, 2006.

ALVES, Míriam Cristiane; MEDEIROS, Rita (org.). **Culturas infantis de terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas.** Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022. ISBN 978-65-5462-020-8. DOI: 10.18310/9786554620208.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé.** Rio de Janeiro: Pallas, 2012. 296 p.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** New York: Routledge, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

Ori Inu Erê. Disponível em: <https://projetooriinuere.blogspot.com/> Acessado em 12/12/2024.

ANEXO 1: Termo de consentimento livre e esclarecido participantes

PESQUISA: EDUCAÇÃO NOS TERREIROS: A importância da educação afrocentrada na constituição de vida de crianças e adolescentes

Prezado(a) Sr(a)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre a educação nos terreiros coordenado por Monique Goulart Padilha. Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos do estudo:

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade investigar a importância do Ori Inu Erê 2005, nas trajetórias de jovens e adultos participantes do projeto.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 3 a 4 pessoas em Porto Alegre.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você será entrevistado, a entrevista será gravada. É previsto em torno de um encontro de duas horas. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo pode entrar em contato com o (a) Prof (a). Karine dos Santos pelo fone xxxxxxxx.

SOBRE O QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações básicas/perguntas sobre seu perfil pessoal e acadêmico.

RISCOS: Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Trataremos todas as informações sem que haja identificação de particularidades de cada entrevistado. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas que possam se inspirar nos resultados.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

Desde já, agradecemos a atenção e a participação.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, concordo em participar.

Local e data: _____

(Assinatura do participante)

Eu, _____, membro da equipe do projeto XXXXXX, obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE ou o pesquisador responsável)